

# 1 NA ESPIRITUALIDADE A ARTE É UMA DAS RAÍZES DA SUSTENTABILIDADE: uma investigação interdisciplinar.

*Maria Regina Cerávo*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O propósito deste ensaio é iniciar a elaboração do percurso do meu doutoramento. Minha tese baseia-se em construir um olhar para outras possibilidades de apreender e produzir uma obra artística. Falo da experiência de olhar e perceber, as várias camadas internas, que uma obra apresenta além dos conceitos pragmáticos e herméticos, necessários, que dominam o ambiente artístico atualmente. O artista não precisa ser rotulado e colocado em categorias para expressar seus sentimentos e suas conexões com o universo.

**Palavras-chave:** espiritualidade, arte, sustentabilidade.

Minha dissertação de mestrado abordou o conceito-chave de representação artística apoiada em alguns períodos da história da arte e deslocando a grade de estudo para a Semiótica e para os estudos neodarwinistas da cultura. Analisei o processo evolutivo da natureza morta, assim como o das obras que produzi, ao longo de quinze anos de trabalho. Busquei redimensionar a relação entre o artista, a obra e o ambiente, que interagem em tempo real, acrescentando as teorias da comunicação, território pouco explorado para as artes. O tema foi: “Natureza morta: um processo co-evolutivo de comunicação entre corpo e ambiente”.

Na busca de conhecer mais o processo artístico congreguei disciplinas que falavam da forma como a representação se dava, no cérebro e no aparelho visual, buscando um entendimento no corpo e na mente. Apresentei caminhos apoiados nas ciências e busquei elaborar uma dinâmica de integração das diversas disciplinas.

Como arte educadora preocupa-me como a história da arte é ensinada e como é compreendida. Não podemos ficar na rotulação; temos que buscar o entendimento da criação misteriosa, enigmática e mística que fazem uma obra surgir e entender quem está por trás e como ela se realiza. O trabalho artístico é o cerne de grandes questões do ensino, mas hoje ele é relegado à mera distração, atividade sem importância. O entretenimento e a inferência/reflexão devem andar de mãos juntas. Fico a pensar como os estudantes da graduação em artes pensam suas obras, como imaginam fazê-las e como a entendem.

Com os estudos que realizo como pesquisadora convidada, no GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade – PUC SP - coordenado pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup> Ivani Fazenda – e no INTERESP - Grupo de estudos e pesquisa sobre

---

<sup>1</sup> **MARIA REGINA CERÁVOLO DE MELO ZEREY:** Arte educadora – Licenciatura plena em Desenho e Plástica – FAAP 1976. Mestra em Comunicação e Semiótica – PUC SP 2003. Pesquisadora convidada do INTERESP – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade em Educação – 2015. CV: <http://lattes.cnpq.br/8549293748759891> Contato: [mrceavolo@uol.com.br](mailto:mrceavolo@uol.com.br)

interdisciplinaridade e espiritualidade em educação - coordenado pelo Prof. Dr. Ruy Cezar do Espírito Santo - me encanta propor a metáfora do olhar interdisciplinar e espiritual, como uma das raízes da sustentabilidade, trabalhando interdisciplinarmente que busca apreender de forma mais completa e ampla uma obra artística, fruto da conexão entre o homem e o cosmo.

Na grade teórica da interdisciplinaridade encontro as palavras da Prof.<sup>a</sup> Ivani Fazenda (1994), que merecem ser aprofundadas:

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante das alternativas para conhecer mais e melhor, atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida. (FAZENDA: 1994, p. 82).

A colocação que inicio aqui é que o material produzido, convencionalmente chamado arte: é a materialização de um momento, época, pensamento, artista, vivência, técnica e de uma realidade inconsciente e sociológica. Junto com Ivani, a semioticista Lucrécia Ferrara (1981) reforça nossa premissa de buscar na arte um entendimento maior, mais profundo e diferenciado em cada ser.

“a arte já não estaria a serviço da realidade..., mas a realidade estaria a serviço da obra de arte que procuraria reinventar a realidade proporcionando uma outra visão dela” (FERRARA, 1981, p. 32).

Posso descrever inúmeros momentos da história da arte, mas quero explorar a apreensão artística entendida tanto no viés de quem a produz como de quem a recebe. A arte passou a ser linguagem e revelou as conquistas da inteligência do homem, modificando a realidade. Na mudança de entendimento da relação simples de comunicação: emissor, mensagem, receptor, a arte passou a comunicar a própria linguagem, ocupando todo o interior do processo. Segundo Ferrara (1981, p.43) a: “Arte deixou de ser comunicação de um significado para ser linguagem que se processa, que se estrutura e nisso engendra o seu significado”.

A arte passou a ser a materialização dos sentimentos, em determinado momento da vida; ela é a vida, a consciência retratada de forma a inquirir o observador, ao mesmo tempo em que dá a ele a possibilidade de adentrar em um estado diferente de observação: o autoconhecimento.

Para aprofundar este pensamento utilizo as palavras de Espírito Santo (2011) para entender e aplicar o autoconhecimento em nossas vidas. Este caminho basilar para a construção de uma nova postura diante do homem e do universo requer a construção de um eixo fundamental apoiado na interdisciplinaridade para captarmos uma obra artística:

Entendo como fundamental, nessa busca de um novo paradigma em educação, a transcendência da fragmentação produzida pelo racionalismo em sua ânsia de superar os velhos dogmas; porém, a

transição deve ocorrer de forma cuidadosa, para que não caiamos num novo enciclopedismo. (ESPÍRITO SANTO, 2011:39).

A criação de uma obra requer o diálogo entre a consciência e o inconsciente. A obra é fruto das nossas emoções, não só do momento em que está sendo criada, mas dos marcos de sentimento que nos constituem. A educação artística precisa deixar que os sentimentos de cada um aflorem e conduzam a percepção da imagem.

Creio realmente que a transgressão do que denomino corpo emocional, mesmo desconsiderando o transpessoal, leve à considerável ampliação do autoconhecimento, ou seja, da identidade do aluno. (ESPÍRITO SANTO, 2011:46)

A educação tradicional desenvolve normalmente essa porção racional do cérebro, deixando atrofiado o lado intuitivo. Em decorrência dessa situação, inúmeros adultos saem da escola convencidos de sua absoluta incapacidade para desenhar, pintar, fazer poesia ou música. (ESPÍRITO SANTO, 2011:50)

A qualidade de uma realização resulta da forma como expressamos a realidade. Assim, ela depende do profundo desenvolvimento do autoconhecimento. O artista, quando executa uma obra, será tanto mais brilhante na execução quanto mais for senhor de sua emoção e de sua amplitude espiritual. (ESPÍRITO SANTO, 2011: 51)

Constato que o autoconhecimento é o caminho para este novo conhecimento, buscando as imagens que relacionam com o mundo físico, mas compreendendo aquelas que se formam no estado de consciência mais elevado. Este é o grande desafio interdisciplinar: a observação, a escuta e o respeito por aquilo que é produzido.

Apoiada na História da Arte apresento algumas citações de Ernest Gombrich (1983), que reforçam esta visão de transcendência para o mundo espiritual e de respeito ao próximo:

Uma coisa que realmente não existe é aquilo a que se dá o nome de Arte. Existem artistas. (GOMBRICH, 1983, p. 4).

O que ocorre com a beleza ocorre também com a expressão. De fato, é frequentemente a expressão de uma figura na pintura que nos leva a gostar da obra ou detestá-la. (GOMBRICH, 1983, p. 6).

O artista não obedece a quaisquer regras fixas. Ele simplesmente pressente o caminho a seguir. (GOMBRICH, 1983, p. 16).

Em última análise, os grandes mestres deram-se por inteiro em suas obras, sofreram por elas, suaram sangue sobre elas e, no mínimo, têm o direito de nos pedir que tentemos compreender o que eles quiseram fazer. (GOMBRICH. 1983, p. 17).

Há ali uma procura e uma conciliação de saberes, distintos de outros historiadores, que desde o início já colocam o caminho que seguirão, rotulando e indicando suas

ideias. Gombrich (1983), ao contrário, descreve, investiga, instiga e deixa questões pelo caminho, para que busquemos com ele e verdadeiro sentido.

Com a evolução dos estudos do comportamento do ser humano posso entender que a análise artística é bem mais abrangente. A arte evoca uma profunda consciência de muitos problemas que estão ocultos na mente consciente e inconsciente do artista. O representar não começa por abrir os olhos, mas por construir fisicamente imagens endógenas que o acompanham sem que ele se aperceba disso.

Buscando expandir essa metodologia, penso na interdisciplinaridade como ferramenta fundante para agregar outras correntes, as quais produzam a ação de entender um pouco mais sobre as obras que se apresentam diante de nós.

Na história da arte posso inicialmente citar Kandinsky:

A verdadeira obra de arte nasce do 'artista' – criação misteriosa, enigmática, mística. Ela desprende-se dele, adquire vida autônoma, torna-se uma personalidade, um sujeito independente, animado de um sopro espiritual, o sujeito que vive uma existência real – um ser. (KANDINSKY, 1996:125)

A arte é uma criação com a finalidade de desenvolver a alma humana e é a única linguagem que esta entende e se desenvolve. Nas épocas mais caóticas é que a arte se torna mais viva e juntamente com a alma se aperfeiçoam mutuamente.

Transformar um pensamento, sentimento em materialidade é uma tarefa difícil e que exige muita consciência do que se faz. Diferentemente do que é dito e ensinado, a produção artística tem uma força inesgotável, que a faz perpetuar através dos tempos.

Kandinsky nos deixou o legado de buscar a arte abstrata, denominada por ele como arte real, pois apresenta um mundo espiritual, que só pode ser conhecido pela própria arte. Um mundo real!

Observe:



Fig 6 – Kandinsky – *Acanto en rosa*, 1926

As advertências que dou são justamente meu sentimento e meu conhecimento de entender a arte em camadas mais profundas, mas interligadas a outros saberes e mais completa em sua observação. Como artista plástica, posso dizer que o processo de fazer um trabalho, seja ele em que técnica for, exige do artista sair dos padrões convencionais e buscar outra identidade. Para que isso seja entendido é necessário que se estude e discuta os saberes ligados ao ser humano, um pouco de sua constituição psíquica e emocional. Seu percurso, seu habitat, sua língua, sua história de vida, seu autoconhecimento.

A interdisciplinaridade é um caminho fecundo para tangermos essas inquietações. Teremos a oportunidade de conhecer mais a fundo as vertentes eleitas para entendermos um pouco da expressão artística e de como ela é presente e necessária na vida do homem, desde a vida nas cavernas. Lá, onde a linguagem oral não tinha seus códigos estabelecidos e linguagem visual construía seu mundo, indicava sinais e iniciava o pensamento.

Como arte educadora tenho que contribuir de forma mais abrangente e inquiridora para o olhar a arte.

Apresento a obra de Warlimpirmga Tjapaltjarri, um aborígene artista australiano, conhecido como um dos maiores artistas indígenas.

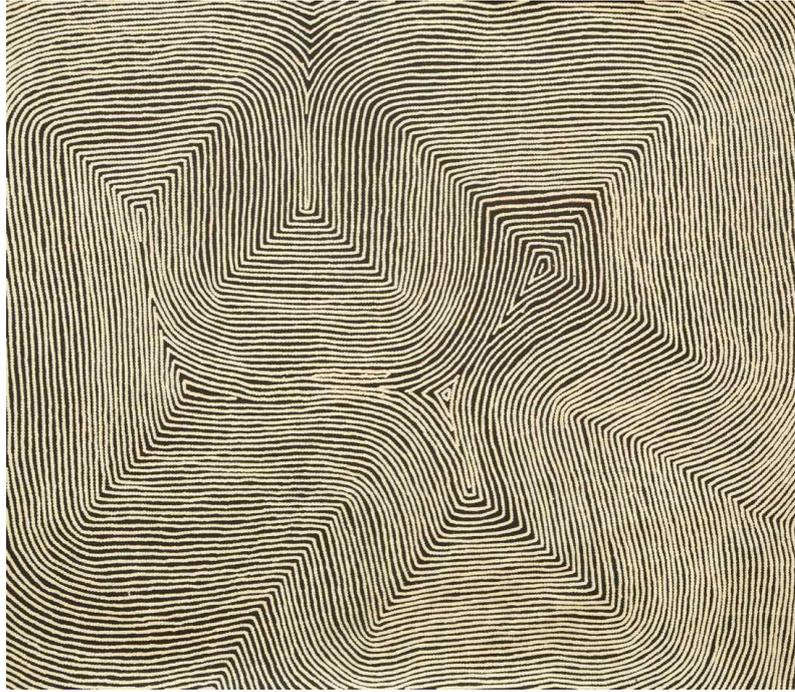
Warlimpirmga nasceu em fins de 1950, perto do Lago Mackay, a leste de onde Kiwirrkurra se encontra nos dias de hoje, no deserto do Estado da Austrália Ocidental. Sua família e ele viveram de forma nômade; nunca entraram em contato com a sociedade européia. Seu pai morreu quando ele era criança e sua mãe viveu pouco tempo.

Casou-se com a prima, Yalti, por volta de 1980. Ele era um caçador e provedor da família. Caçava com lanças e *boomerangs*. Em 1984, entrou em contato com pessoas fora da família, quando ele viu pela primeira vez homens de cor branca. Ficou assustado pensando que podiam ser demônios ou mau espírito, pois eram da cor das nuvens no amanhecer.

Continuou vivendo em Kiwirrkurra e, as notícias deste grupo que vivia de forma nômade fizeram manchete nos jornais: a tribo perdida. Começou a pintar em 1987 e suas obras são abstratas, sendo compostas por milhares de pontos e baseiam-se em histórias de sagrados sonhos e canções. Elas focam o Tingari, os ancestrais de Pintupi, o espírito que se acredita ter criado todas as coisas. Pintadas sobre uma tela estendida sobre o chão, as linhas e traços em zigue-zague correspondem aos relatos míticos sobre os pintupis e a formação do mundo desértico que eles habitam.

O modo pelo qual as linhas e curvas narram às histórias permanecem um mistério quase completo.

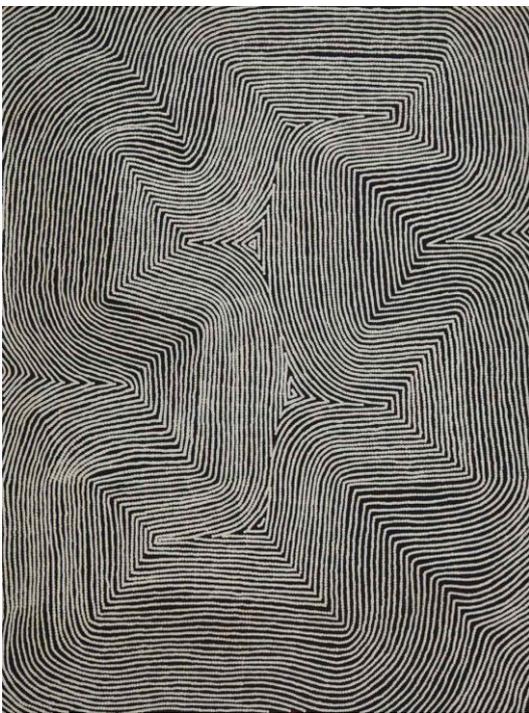
Vamos observar e dar início ao exercício da procura espiritual que uma obra propõe.



Warlimpirnga Tjapaltjarri/ Wilkinkarra (Lake Mackay)

2012/ acrylic on Belgian linen/ 107.00 x 122.00 cm

Papunya Tula Artists catalogue number WT1209032



Warlimpirnga Tjapaltjarri/ Marawa/ 2012

acrylic on Belgian linen/ 122.00 x 91.00 cm

Papunya Tula Artists catalogue number WT1208014

## REFERÊNCIAS.

CERÁVOLO, Maria Regina. **Natureza morta**: um processo co-evolutivo de comunicação entre corpo e ambiente. Dissertação de Mestrado, Biblioteca Nadir Gouveia Kfourri. São Paulo: PUCSP, 2003.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar. **Autoconhecimento na formação do educador**. São Paulo: Ágora, 2007.

\_\_\_\_\_. **O renascimento do sagrado na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da transgressão**. São Paulo: Ágora, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: História, Teoria e Pesquisa. São Paulo: Papirus Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 2012.

FERRARA, Lucrecia D'Álessio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. Trad. Álvaro Cabral e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**, Trad. De Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

\_\_\_\_\_. **Arte e ilusão** – um estudo da psicologia da representação pictórica, Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1986.

\_\_\_\_\_. **Meditações sobre um cavalinho de pau**, Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **La Imagen y el ojo**, Trad. Alfonso López Lago y Remigio Gómez Diaz. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

THE NEW YORK TIMES INTERNATIONAL WEEKLY. **Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2015**.